

CAPOEIRA

RUBEM BRAGA

LEIO com interesse um livrinho de 1927, editado na Bahia, «Ginástica Nacional», que talvez não seja inútil nestes tempos. O autor chama-se A. Burlamaqui, mais conhecido por Zuma, um belo rapaz que pretende elevar à dignidade do boxe e do jiu-jitsu o nosso jôgo de capoeira. Faz o histórico dessa luta e explica seu nome pelo fato de ser nas capoeiras do interior que os negros, quando apareciam os soldados para prendê-los, aplicavam êsses golpes. A capoeira tem, assim, uma «origem santificada», pois está ligada aos primeiros esforços para a libertação dos escravos no Brasil.

Nas fotografias que ilustram o livrinho, os jogadores aparecem de peito nu, calções até os joelhos e botina. O regulamento diz que devem ser usadas botinas, pois sapatos caem do pé no decorrer da luta. Muito humanitariamente prescreve que as botinas não devem ter botões, e sim cordões, e não devem ter na sola pregos salientes, nem chapas de metal. O mais que podem levar são barras transversais ou rosetas de borracha que não salientem mais de cinco milímetros. Os golpes são numerosos, e com êles «poderemos acometer os demônios». A rasteira, com sua variedade «corta-capim»; o «rabo-de-arraia», com o qual «o nosso Ciriaco venceu o japonês com seu jiu-jitsu»; a cabeçada, cujo efeito é «demasiado terrível»; o «facão», a «banda de frente», o «baú», que é dado com a barriga; o «rapa», a «tesoura», a «queixada», que consiste em um pontapé no queixo; o «dourado», o «escorão», em que se simula um recuo para dar um pontapé na barriga do sujeito; a «baiana», o «passo de cegonha», o «tombo de ladeira», a «xulpa», a «chinha» («corre-se para o inimigo como a abraça-lo, e, agachando-se rápido, puxa-se as pernas dêle, abaixo dos joelhos, ajudando-o a cair com uma cabeçada»), o «me esquece», o «vão do morcego» e o «suicídio». Este último é original e terrível, porque, se o inimigo estiver armado de punhal ou faca, suicida-se infalivelmente. O autor até sente escrúpulos em contar sua técnica: «talvez faça mal em descrevê-lo».

Felizmente, o livrinho ensina também os contra-golpes, alguns violentos. E para finalizar, ensina os chamados «golpes de tapeação», como a pisadela no pé do adversário, o olhar falso, o gesto de fingir que se vai tirar com o pé qualquer coisa do chão, para que o adversário se descuide um instante. E ainda êste golpe evidentemente pouco elegante: «finge-se que se vai cuspir no adversário, fazendo-o fechar os olhos, e aí aproveita-se a ocasião dando-lhe o merecido castigo».

Nas gravuras, os jogadores aparecem não apenas de botinas como de meias e ligas, o que também não me parece muito elegante. Mas nem a capoeira, nem a política são, afinal de contas, coisas de muita elegância.

O Jôgo 17.2.61

AT

FUTURINENSE

Relembrações
Orelha 1977

Rev. Nacional n.º 80
Coneis da Mancha 29.9.54

Manchete 667

O Fluminense
outubro, 77

DN-6.6.67

283